

Escala de autoconceito: adaptação portuguesa do «Piers-Harris Children's Self-Concept Scale»

FELICIANO H. VEIGA *

A importância do autoconceito tem vindo a ser progressivamente salientada no campo da Psicologia da Educação (Veiga, 1988, 1989), da Psicologia Social (Gecas, 1982; Neto, 1986) ou da Psicologia Clínica (Kohout, 1988; Serra, 1986). Embora se trate de um constructo frequentemente confundido com outros, e nem sempre devidamente estudado (Wylie, 1979), têm-se verificado importantes progressos nos últimos anos, quer ao nível da sua conceptualização, quer na sua avaliação.

O presente estudo descreve a adaptação para a população portuguesa de um dos instrumentos de avaliação do autoconceito mais utilizados na investigação, o «Piers-Harris Children's Self-Concept Scale» (PHSCS) de Piers (1969, 1988). Dada a falta de instrumentos de autoconceito adaptados à população portuguesa e adequados aos objectivos de uma investigação mais vasta a realizar pelo autor — tese de doutoramento sobre o autoconceito e a interrupção escolar dos alunos adolescentes (a finalizar em breve) —, procedeu-se à adaptação portuguesa do PHSCS.

Apresenta-se a metodologia seguida para a adaptação da escala, mais propriamente, a população, a amostra, as características do instrumento e o procedimento utilizado. Por último, apresentam-se os resul-

tados obtidos no estudo das qualidades psicométricas do referido instrumento, relativas à fidelidade, à validade de constructo e à validade externa.

METODOLOGIA

Após revisão da literatura sobre os instrumentos de medida do autoconceito que conduziu à escolha do PHSCS, seguiu-se todo um processo de recolha de dados com vista à testagem das hipóteses relativas às qualidades psicométricas desta escala.

Sujeitos

A população é formada pelos alunos adolescentes, de ambos os sexos, do curso secundário unificado oficial e diurno, de Lisboa e de Viseu. A amostra foi constituída por 915 sujeitos entre o 7.º e o 9.º ano de escolaridade. Mais propriamente, escolheram-se as referidas localidades, adoptando uma metodologia de amostragem não probabilística casual. A constituição da amostra baseou-se ainda no método de amostragem probabilístico por agrupamentos: em cada localidade foram sorteadas três escolas e, dentro destas, procedeu-se ao sorteio das turmas, duas em cada ano escolar e nos diferentes estabelecimentos de ensino, num total de 36 turmas.

* Departamento de Educação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Rua Ernesto Vasconcelos, Edif. C1, 1700 Lisboa. Agradece-se o apoio e as sugestões dadas pelo Prof. Doutor Leandro Almeida (Univ. do Minho), na finalização do trabalho apresentado.

Instrumento

O PHCSCS é um dos instrumentos de medida do autoconceito mais utilizados na literatura psicológica sobre este constructo. Criado e desenvolvido pelo psicólogo americano Piers (1969, 1988), o PHCSCS apresenta na sua versão original seis factores: aspecto comportamental (AC), estatuto intelectual e escolar (EI), aparência e atributos físicos (AF), ansiedade (AN), popularidade (PO), satisfação e felicidade (SF).

Trata-se de uma escala de tipo Thurstone (itens dicotómicos). Conforme o enunciado do item seja ou não aplicável ao sujeito, este deve assinalar «sim» ou «não». A cada resposta na direcção do autoconceito positivo, dá-se um ponto.

Procedimento

Após autorização superior do Ministério da Educação, o PHCSCS foi administrado colectivamente, por dois psicólogos. Na aplicação procurou-se controlar variáveis julgadas pertinentes para o estudo em questão, mais propriamente:

- os efeitos do sexo do experimentador: a escala foi passada por um psicólogo e por uma psicóloga;
- a motivação: foi indicado que todos aqueles que não desejassem colaborar se podiam retirar. Leu-se uma nota, logo no começo, apresentando o objectivo da investigação e informando os alunos de que se garantia total confidencialidade nos resultados individuais e de que era permitido o uso de pseudónimos.

Atendeu-se ainda à *hora do dia*, ou seja, o número de turmas que respondeu durante a manhã foi sensivelmente igual ao que respondeu de tarde. As instruções foram as mesmas em todas as escolas em que a escala foi aplicada.

RESULTADOS

Os dados foram introduzidos em computador e analisados com o programa SPSS-X (versão 1988). Estudou-se o poder discriminativo dos itens, a fidelidade e a validade dos resultados da escala. Dada a sua extensão, e porque os mesmos aparecem minimamente contemplados nos coeficientes de consistência

interna e na validade de constructo, optou-se por não apresentar aqui os elementos referentes à análise do poder discriminativo dos itens.

Fidelidade dos resultados

Os coeficientes de consistência interna K.R.20 foram determinados com o procedimento «Reability» do SPSS-X e apresentam-se satisfatórios quer para a escala global quer para as sub-escalas (Quadro I).

No factor geral (PTOT), e para qualquer dos

QUADRO I

Coefficientes de consistência interna da escala e dos sub-factores na amostra global e por grupos de pertença

GRUPO	AC	AN	EI	PO	AF	SF	PTOT
Amos. tot. (N=915)	.78	.76	.75	.73	.75	.77	.88
Masculino (N=423)	.76	.71	.67	.64	.75	.76	.87
Feminino (N=492)	.73	.75	.70	.67	.74	.75	.88
Litoral (N=465)	.75	.74	.65	.64	.71	.74	.87
Interior (N=450)	.73	.77	.72	.76	.76	.76	.88
7.º ano (N=308)	.75	.74	.66	.61	.72	.73	.86
8.º ano (N=302)	.73	.77	.70	.68	.72	.71	.87
9.º ano (N=305)	.75	.75	.72	.66	.78	.82	.89
12-14 anos (N=484)	.76	.73	.70	.67	.75	.74	.87
15-19 anos (N=431)	.70	.76	.69	.67	.74	.77	.87

grupos em estudo, os coeficientes K.R.20 são sempre muito altos (>.85). Relativamente à amostra geral, os coeficientes tendem a ser inferiores, principalmente no factor popularidade, o que é de esperar, na medida em que se trata de grupos menos heterogéneos. Por outro lado, atendendo ao menor número de itens nos factores popularidade (PO), aparência física (AF) e satisfação-felicidade (SF), e a que se trata de uma escala de tipo Thurstone (itens dicotómicos), tais

QUADRO II

Estrutura Factorial da escala PHCSCS (N=915)

N.º	ITENS	Saturação	N.º	ITENS	Saturação			
<p>FACTOR I <i>Aspecto comportamental (AC)</i> Explica 12.5% da variância total («eigen-value» = 7.2)</p>			<p>63. Sou um chefe nas brincadeiras e no desporto .389 33. Os meus amigos gostam das minhas ideias .370 15. Sou forte .367 5. Sou uma pessoa esperta .354 65. Nas brincadeiras e desportos, observo em vez de participar * .339 21. Faço bem os meus trabalhos escolares .334 42. Na escola, ofereço-me várias vezes como voluntário(a) .312 36. Tenho sorte .296</p>					
22.	Faço muitas coisas más *	.575	<p>FACTOR IV <i>Popularidade (PO)</i> Explica 3.3% da variância total («eigen-value» = 1.9)</p>					
34.	Meto-me frequentemente em sarilhos *	.560						
31.	Na escola estou distraído(a) a pensar noutras coisas *	.521						
35.	Sou obediente em casa	.469						
14.	Crio problemas à minha família *	.452						
56.	Meto-me em muitas brigas *	.445						
25.	Porto-me mal em casa *	.440						
21.	Faço bem os meus trabalhos escolares	.415						
59.	A minha família está desapontada comigo *	.410						
45.	Odeio a escola *	.355						
66.	Esqueço o que aprendo *	.355	<p>51. Tenho muitos amigos .592 3. Tenho dificuldades em fazer amizades * .509 71. Gosto mais de trabalhar sozinho(a) do que em grupo * .496 67. Dou-me bem com os outros .425 46. Sou dos(as) últimos(as) a ser escolhido(a) para jogar * .409 73. Tenho uma boa aparência .377 40. Sinto-me posto de parte * .362 1. Os meus colegas de turma troçam de mim * .318 11. Sou impopular * .313 65. Nas brincadeiras e desportos, observo em vez de participar * .311</p>					
53.	Sou estúpido(a) em relação a muitas coisas *	.318						
78.	Penso em coisas más *	.315						
48.	Muitas vezes sou antipático(a) com as outras pessoas *	.309						
58.	As pessoas pegam comigo *	.299						
<p>FACTOR II <i>Ansiedade (AN)</i> Explica 5.1% da variância total («eigen-value» = 2.9)</p>						<p>FACTOR V <i>Aparência física (AF)</i> Explica 3.0% da variância total («eigen-value» = 1.7)</p>		
28.	Sou nervoso(a) *	.634				<p>54. Sou bonito(a) .673 41. Tenho o cabelo bonito .661 29. Tenho olhos bonitos .574 60. Tenho uma cara agradável .570 73. Tenho uma boa aparência .458 8. A minha aparência física desagrada-me * .330</p>		
74.	Tenho medo muitas vezes *	.575						
79.	Choro facilmente *	.539						
7.	Fico nervoso(a) quando o professor me faz perguntas *	.515						
37.	Preocupo-me muito *	.506						
68.	Irrito-me com facilidade *	.492						
10.	Fico preocupado(a) quando tenho testes na escola *	.442						
4.	Estou triste muitas vezes *	.424						
61.	Quando tento fazer alguma coisa, parece que tudo corre mal *	.419						
6.	Sou uma pessoa tímida *	.398						
78.	Penso em coisas más *	.336	<p>FACTOR VI <i>Satisfação-felicidade (SF)</i> Explica 2.8% da variância total («eigen-value» = 1.6)</p>					
26.	Sou lento(a) a terminar os trabalhos escolares *	.295						
<p>FACTOR III <i>Estatuto intelectual e escolar (EI)</i> Explica 4.5% da variância total («eigen-value» = 2.6)</p>						<p>50. Sou infeliz * .699 2. Sou uma pessoa feliz .614 43. Gostava de ser diferente daquilo que sou * .434 52. Sou alegre .425 39. Gosto de ser como sou * .374 40. Sinto-me posto de parte * .334 4. Estou triste muitas vezes * .329</p>		
49.	Os meus colegas da escola acham que tenho boas ideias	.500						
30.	Sou capaz de dar uma boa impressão perante a turma	.474						
9.	Quando for maior, vou ser uma pessoa importante	.443						
55.	Tenho muita energia	.414						
27.	Sou um membro importante da minha turma	.413						
16.	Tenho boas ideias	.406						

* O asterísco indica os itens inversos em termos da sua cotação,

coeficientes podem considerar-se aceitáveis. Em todas as situações, os coeficientes são superiores a .60 e, portanto, tidos como adequados.

Utilizou-se ainda o método teste-reteste para o estudo da *estabilidade temporal* dos resultados na pontuação total do PHCSCS (factor geral). Com um mês de intervalo, 184 sujeitos (20.12% da amostra), pertencentes a turmas aleatoriamente seleccionadas, responderam pela segunda vez aos itens da escala. Mediante a determinação do coeficiente de correlação de Pearson entre os resultados das duas aplicações, obteve-se um valor de $r = .792$ no factor geral do PHCSCS, que é altamente significativo ($p < .001$).

Relativamente a outros estudos em que foi determinada a fidelidade (Franklin *et al.*, 1981; Smith & Rogers, 1978), os índices encontrados na nossa amostra são muito semelhantes, nalguns casos mesmo superiores, aos apontados por esses estudos, já anteriormente considerados.

Validade de constructo

No estudo da validade de constructo (validade interna), utilizou-se o procedimento «PA1» do SPSS-X, tomando a amostra total, e com prévia indicação de seis factores para extracção, uma vez que Piers (1968, 1988) apresenta seis factores. A estrutura factorial do questionário encontrada é consistente com a da versão original (Quadro II).

No Quadro III observam-se as correlações entre cada sub-escala e o factor geral, todas positivas e altamente significativas ($p < .001$).

QUADRO III

Correlação de cada factor específico com o factor geral (N=915)

	AC	AN	EI	PO	AF	SF
PTOT	.637 *	.727 *	.731 *	.667 *	.569 *	.731 *

* $p < .001$

Embora Piers (1969, 1988) não tenha analisado as intercorrelações dos resultados nos seis factores, decidiu-se aprofundar o estudo da validade de constructo, procedendo a esse tipo de análise no conjunto da amostra. O procedimento utilizado foi o «Factor – PA1» do programa SOSS-X (1988), com a definição

prévia de seis factores. As saturações factoriais, bem como a percentagem de variância explicada por cada factor e o respectivo *eigen-value* são indicadas no Quadro IV.

QUADRO IV

Análise factorial das intercorrelações dos resultados nas dimensões do PHCSCS tomando a amostra global

Dimensão	F I	F II	F III	F IV	F V	F VI
AC	.573	.518	.626	.082	.021	.035
AN	.672	.447	-.435	-.086	.203	.331
EI	.710	-.191	-.131	.655	.028	-.099
PO	.744	-.285	.033	-.138	-.540	.225
AF	.623	-.577	.212	-.210	.424	.087
SF	.788	.140	-.165	-.280	-.039	-.500
Eig. value	2.852	.941	.674	.586	.517	.430
% de var.	47.500	15.700	11.200	9.800	8.600	7.200

Os valores obtidos apresentam-se consistentes com os postulados subjacentes aos instrumentos de autoconceito, isto é, além da existência de um factor geral, surgem vários factores que contribuem para a diferenciação dos resultados na realização da auto-avaliação. Verifica-se, por um lado, a importância decisiva de um factor geral, que se deverá associar à estrutura avaliada em todos os factores — o autoconceito — e, por outro, ressalta o contributo dos diversos conteúdos para as diferenças encontradas em cada uma das dimensões da escala.

Mais concretamente, enquanto o factor I está ligado à estrutura comum às várias dimensões do autoconceito, o factor II parece opor o aspecto comportamental (AC) e a ansiedade (AN) à aparência física (AF) e popularidade (PO). O factor III liga-se mais ao aspecto comportamental (AC) e à aparência física *versus* ansiedade (AN) e satisfação-felicidade (SF). O factor IV opõe o estatuto intelectual (EI) à satisfação-felicidade (SF) e aparência física (AF). Enquanto o factor V se prende com a popularidade «*versus*» aparência física (AF) e ansiedade (AN), o factor VI opõe a ansiedade (AN) e a popularidade (PO) à satisfação-felicidade (SF). Os factores V e VI são os de mais difícil interpretação por se tratar dos últimos a serem analisados (efeitos residuais) e porque se apresentam como os menos importantes do conjunto dos factores.

Assim, a relativa proximidade dos valores da percentagem de variância e do *eigen-value*

nos factores II a VI reflecte que, para além do factor geral, os conteúdos das seis dimensões do PHCSCS assumem alguma especificidade, até porque não surgem agrupados em factores de «grande grupo».

Embora a ordem dos factores seja diferente da apresentada no manual do PHCSCS (Piers, 1969, 1988), a estrutura factorial da versão portuguesa é algo semelhante. A proximidade entre as duas versões observa-se ainda quanto à interpretação dos diferentes factores, cujo conteúdo, na nossa versão, passamos a interpretar.

Factor I – Aspecto comportamental (AC)

O conteúdo dos 15 itens deste factor, a que por vezes nos referiremos por AC, fazem referência à percepção que o sujeito tem do seu tipo de comportamento em situações várias e da responsabilidade pelas suas acções, designadamente em casa e na escola.

Factor II – Ansiedade (AN)

Este factor refere-se à insegurança, às preocupações, aos medos e inquietações com que a pessoa se encara a si própria e às situações; tem a ver com emoções e expectativas negativas. Inclui 12 itens.

Factor III – Estatuto intelectual e escolar (EI)

O padrão de respostas dadas neste factor, com 14 itens, sugere a forma como a pessoa se vê a si própria relativamente ao rendimento obtido nas tarefas intelectuais; tem a ver com a admiração que pensa que lhe é dispensada na turma, devido às suas ideias e capacidade de aprendizagem.

Factor IV – Popularidade (PO)

Refere-se à maneira como o sujeito se percebe nas relações com os colegas, à facilidade em fazer amigos, ao grau de popularidade e ao modo como se sente incluído e desejado nos desportos e noutras actividades de grupo. Tem 10 itens.

Factor V – Aparência e atributos físicos (AF)

Este factor pretende avaliar o que a pessoa pensa acerca da sua aparência física. Uma pontuação alta neste factor indica que a pessoa gosta do corpo que tem, tal como referido nos seis itens que o compõem.

Factor VI – Satisfação-felicidade (SF)

O significado deste factor sugere a satisfação que o sujeito sente por ser como é, tem a ver com o seu nível de felicidade geral. Tem apenas sete itens.

Registe-se que aos *scores* mais elevados correspondem, em todos os factores (incluindo o factor «ansiedade»), níveis superiores de autoconceito; quanto maior é a pontuação no factor ansiedade menor é a ansiedade. De observar que a ansiedade — que é um dos pontos mais criticados na validação do constructo auto-estima, uma vez que esta pode apresentar correlações «demasiado» altas com o constructo ansiedade — aparece como segundo factor, e que o aspecto físico, que é assinalado como um factor importante no autoconceito, especialmente no começo da adolescência, obtém o quinto lugar na amostra total considerada.

Os resultados obtidos apresentam-se algo semelhantes aos encontrados noutros estudos sobre a validade do PHCSCS (Michael *et al.*, 1975; Piers, 1988; Platten & Williams, 1981; Rich *et al.*, 1979; Wolf *et al.*, 1982).

Validade externa

No estudo da validade procedeu-se à análise das intercorrelações das pontuações nos factores do PHCSCS e a nota global obtida pelos alunos no final do ano lectivo transacto nas disciplinas seguintes: Matemática, Português, História e Educação Visual (7.º ano) e Matemática, Português, História e Físico-Química (8.º e 9.º anos). A escolha destas disciplinas tem a ver com o facto de serem as que habitualmente são tidas como as mais directamente associadas com o sucesso global dos alunos (Almeida & Campos, 1986; Almeida, 1988; Fontaine, 1986).

Assim, no Quadro V são apresentados os coeficientes de correlação encontrados, bem como o seu nível de significância estatística.

QUADRO V

Coefficientes de correlação entre os resultados no PHCSCS e a média das notas para o 7.º, 8.º e 9.º anos

Prova	7.º ano (N = 308)	8.º ano (N = 302)	9.º ano (N = 305)
AC	.30 **	.24 **	.17 *
AN	.17 *	.21 **	.29 **
EI	.20 **	.21 **	.27 **
PO	.16 *	.02 ns	.03 ns
AF	.04 ns	.01 ns	.08 ns
SF	.15 *	.22 **	.17 *
PTOT	.25 **	.24 **	.28 **

* p<.01 ** p<.001 ns = não significativo

Os coeficientes obtidos, embora não sendo muito elevados, apresentam-se estatisticamente significativos, na generalidade. Os maiores coeficientes situam-se no factor AC (aspecto comportamental), no EI (estatuto intelectual) e no factor geral (PTOT); os mais baixos aparecem no factor «aparência física» (AF) e no «satisfação-felicidade» (SF). Em qualquer um dos anos de escolaridade, os coeficientes exprimem uma relação positiva e significativa entre o rendimento escolar e a pontuação nas diferentes dimensões do

PHCSCS, se exceptuarmos o factor «aparência física» (AF), sempre com valores não significativos, e o factor «popularidade» (PO), com um r significativo apenas no grupo de alunos do 7.º ano. Estes dois factores apresentam pois menor afinidade com as notas escolares.

A validade externa foi ainda estudada tomando o número de reprovações tidas pelos sujeitos. Formaram-se três grupos de alunos (A – sem reprovações; B – com uma reprovação; C – com duas ou mais reprovações) e procedeu-se a uma análise de variância dos resultados totais no PHCSCS. Utilizou-se, para tal, o procedimento «*Oneway*», com especificação dos contrastes. Tendo em conta que o número de reprovações aumenta com o avançar na escolaridade (Almeida, 1988), decidiu-se considerar em separado os diferentes anos de escolaridade.

A hipótese colocada foi a de que existem diferenças significativas no PHCSCS entre grupos de alunos com número de reprovações diferente, em que os de maior taxa de reprovações (tidas desde a escola primária até ao ano escolar em que se encontram) apresentam níveis inferiores de autoconceito.

Assim, a média e o desvio-padrão dos resultados é apresentada no Quadro VI; no Quadro VII, encontram-se os resultados das análises de variância realizadas.

QUADRO VI

Média e desvio-padrão dos resultados no PHCSCS por anos de escolaridade em função das reprovações anteriores

N	AC		AN		EI		PO		AF		SF		PTOT		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
7.º ano	A 134	12.69	2.22	6.55	3.04	9.21	2.48	8.31	1.64	4.55	1.69	5.92	1.54	42.35	7.72
	B 117	11.58	3.11	6.43	2.59	9.07	2.71	8.00	1.83	4.76	1.54	5.56	1.62	40.74	8.49
	C 50	12.30	1.92	6.48	2.95	9.06	2.53	8.62	1.29	4.98	1.13	5.62	1.53	42.72	6.06
8.º ano	A 154	12.18	2.60	6.95	2.69	9.20	2.64	8.10	1.80	4.71	1.57	6.11	1.35	42.28	7.56
	B 92	12.15	2.52	5.86	2.96	9.42	2.79	8.18	1.99	4.94	1.35	5.94	1.40	41.81	7.84
	C 42	11.26	2.63	5.42	3.36	8.28	2.49	8.14	1.90	4.19	1.69	5.30	1.68	38.40	8.47
9.º ano	A 165	12.23	2.66	6.55	2.91	9.36	2.78	7.90	1.91	4.49	1.78	5.81	1.79	41.62	9.12
	B 78	11.38	2.70	6.21	2.66	8.64	2.50	8.24	1.77	4.61	1.58	5.66	1.64	40.34	6.90
	C 53	11.30	2.95	5.77	2.73	9.13	3.07	8.60	1.52	4.62	1.66	5.41	1.99	40.22	8.72

QUADRO VII

Análise de variância dos resultados no PHSCS, segundo a taxa de reprovações em cada ano escolar

Prova		Fonte de variância	g.l.	Quadrados médios	F	Contrastes
7. ^o ano	AC	Entre-grupos	2	39.000	5.919	A>B *** A=C
		Intra-grupos	298	6.588	***	B=C
	AN	Enter-grupos	2	2.861	.349	A=B=C
		Intra-grupos	298	8.176	ns	
	EI	Enter-grupos	2	.781	.117	A=B=C
		Intra-grupos	298	6.677	ns	
	PO	Enter-grupos	2	7.100	2.550	A=B A=C
		Intra-grupos	298	2.783	ns	B<C *
	AF	Enter-grupos	2	3.541	1.460	A=B=C
		Intra-grupos	298	2.425	ns	
	SF	Enter-grupos	2	4.467	1.794	A=B=C
		Intra-grupos	298	2.489	ns	
	PTOT	Enter-grupos	2	106.744	1.757	A=B=C
		Intra-grupos	298	60.754	ns	
8. ^o ano	AC	Entre-grupos	2	14.986	2.241	A=B A>C*
		Intra-grupos	285	6.686	ns	B=C
	AN	Enter-grupos	2	56.408	6.767	A>B *** A>C *
		Intra-grupos	285	8.334	***	B=C
	EI	Enter-grupos	2	19.386	2.718	A=B A>C *
		Intra-grupos	285	7.131	ns	B>C *
	PO	Enter-grupos	2	.189	.053	A=B=C
		Intra-grupos	285	3.548	ns	
	AF	Enter-grupos	2	8.223	3.526	A=B A>C *
		Intra-grupos	285	2.332	*	B>C **
	SF	Enter-grupos	2	10.755	5.306	A=B A>C ***
		Intra-grupos	285	2.026	***	B>C **
	PTOT	Enter-grupos	2	252.602	4.159	A=B A>C ***
		Intra-grupos	285	60.734	**	B>C *
9. ^o ano	AC	Entre-grupos	2	28.328	3.805	A>B * A>C *
		Intra-grupos	293	7.443	*	B=C
	AN	Enter-grupos	2	12.737	1.602	A=B=C
		Intra-grupos	293	7.950	ns	
	EI	Enter-grupos	2	13.827	1.802	A>B *
		Intra-grupos	293	7.673	ns	A=C B=C
	PO	Enter-grupos	2	10.681	3.254	A=B A>C **
		Intra-grupos	293	3.281	*	B=C
	AF	Enter-grupos	2	.538	.183	A=B=C
		Intra-grupos	293	2.942	ns	
	SF	Enter-grupos	2	3.230	1.001	A=B=C
		Intra-grupos	293	3.226	ns	
	PTOT	Enter-grupos	2	64.475	.887	A=B=C
		Intra-grupos	293	72.619	ns	

* p<.05

** p<.01

*** p<.001

ns = não significativo

Os resultados obtidos evidenciam a existência de um maior número de diferenças estatisticamente significativas no 8.º ano do que no 9.º ano, mostrando-se o 7.º ano o mais escasso em tais diferenças. Quanto aos dois factores que, no Quadro V, não apresentaram coeficientes de correlação significativos, verifica-se agora que apenas no 8.º ano os alunos, que nunca reprovaram ou com uma reprovação, obtêm média no factor «aparência física» significativamente diferente, e superior, à daqueles que reprovaram duas ou mais vezes; no factor «popularidade» é curioso notar que, quer os alunos do 7.º ano, quer os do 9.º com duas ou mais reprovações, pontuam significativamente diferente e mais elevado do que, respectivamente, o grupo de alunos com uma reprovação ($B < C$, $p < .05$) e o grupo sem reprovações ($A < C$, $p < .01$).

No factor «aspecto comportamental» (AC), verificam-se diferenças significativas entre os sujeitos sem qualquer reprovação e os que reprovaram uma vez, sito no 7.º ano ($T = 3.43$; $g.l. = 249$; $p < .001$); no 8.º ano surge diferença significativa no contraste A/C, e no 9.º ano verificam-se diferenças nos contrastes A/B e no A/C ($T = 2.16$; $g.l. = 216$; $p < .05$). O factor «estatuto intelectual» (EI) apresenta diferenças significativas no 8.º ano ($A > C$ e $B > C$) e no 9.º ($A > B$). No factor geral (PTOT), apenas no 8.º ano se diferenciam os sujeitos com uma reprovação dos que reprovaram duas ou mais vezes ($A > C$) e, estes últimos, dos que reprovaram uma vez ($B > C$, $p < .05$).

Relativamente aos restantes contrastes realizados, apresentamos uma síntese das diferenças encontradas e respectivos níveis de significância. No factor «ansiedade» (AN), os alunos do 8.º ano sem reprovações apresentam uma média mais elevada e significativamente diferente ($p < .001$) quer em relação ao grupo com uma reprovação, quer quanto aos que já reprovaram mais de uma vez; no factor denominado «satisfação-felicidade», os alunos que já reprovaram pelo menos duas vezes (respectivamente, $A > C$ para o nível de significância $p < .001$ e $B > C$ para $p < .01$). Não se verificaram quaisquer outras diferenças entre as médias dos grupos de alunos nos restantes contrastes realizados.

Uma não maior diferenciação entre o grupo B e C poderá ter a ver com o menor número de sujeitos em estudo e/ou com o «efeito selectivo» que as reprovações têm na população estudantil (Almeida, 1988).

Em suma, os valores obtidos, mesmo com algumas flutuações ao longo dos três anos de esco-

laridade tomados, permitem-nos verificar uma relação positiva entre os níveis superiores de autoconceito e o sucesso escolar dos alunos, como seria de esperar.

CONCLUSÕES

A falta de instrumentos aferidos para a avaliação do autoconceito dos jovens do ensino secundário constituiu o motivo principal para a adaptação portuguesa do PHCSCS.

O «Piers-Harris Children's Self-Concept Scale» é um instrumento de avaliação do autoconceito recomendado por vários autores (Wells & Marwell, 1976) e frequentemente utilizado na investigação científica internacional.

No âmbito das análises estatísticas realizadas para a sua adaptação, concluímos haver necessidade de retirar alguns itens, garantindo assim a melhoria das qualidades psicométricas da escala.

Foram utilizados como principais procedimentos o «Reliability» e o «Factor» do SPSS-X, a fim de se estudar a fidelidade e a validade do PHCSCS. Os resultados obtidos, respeitantes à fidelidade, permitem concluir que as diferentes dimensões desta escala apresentam bons índices de consistência interna, quer na amostra geral, quer em grupos mais específicos. Tais índices mostram-se semelhantes, em certos casos mesmo superiores, aos encontrados por outros autores. O factor geral revelou um alto coeficiente de estabilidade temporal ($r = .79$; $p < .001$).

O estudo da validade interna revelou a existência de seis factores, que explicam 31.2% da variância total dos resultados, além de um factor geral, o que está em consonância com outros estudos sobre a validade do PHCSCS (Piers, 1988; Michael *et al.*, 1975; Shavelson & Bolus, 1982) e os postulados subjacentes às escalas de autoconceito: além de um factor geral existe o contributo de diferentes conteúdos para a diferenciação dos níveis de autoconceito.

Procedeu-se ainda à análise da validade externa, tomando como critério dois parâmetros do aproveitamento escolar: as notas e o número de reprovações. Apesar da pouca aproximação entre os conteúdos das dimensões do PHCSCS e os conteúdos dos currículos escolares, foram encontradas correlações e diferenças estatisticamente significativas, conforme as hipóteses formuladas.

Em posteriores trabalhos procurar-se-á progredir no estudo do PHCSCS, analisando as melhorias decorrentes das alterações agora sugeridas. Por último, os resultados obtidos permitem observar que a versão portuguesa do «Piers-Harris Children's Self-Concept Scale» apresenta qualidades psicométricas no seu todo e nos seus sub-factores que permitem, desde já, passar a dispor de um novo instrumento de pesquisa e na prática da Psicologia e da Educação.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, L. S. (1988) — *O raciocínio diferencial dos jovens*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- ALMEIDA, L. S. & CAMPOS, B. P. (1986) — Raciocínio diferencial e sucesso escolar dos jovens: estudo longitudinal, *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 105-118.
- FONTAINE, A. M. (1986) — Motivação e realização escolar dos adolescentes, *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 119-132.
- FRANKLIN *et al.* (1981) — Construct validation of the Piers-Harris Children's Self-Concept Scale, *Educational and Psychological Measurement*, 41, 439-443.
- GECAS, V. (1982) — The self-concept, *Annual Review of Sociology*, 8, 1-33.
- KOHUT, H. (1988) — *Psicologia do Self e a Cultura Humana*, Artes Gráficas, Porto Alegre.
- MICHAEL *et al.*, (1975) — The factorial validity of the Piers-Harris Children's Self-Concept Scale, *Educational and Psychological Measurement*, 35, 405-414.
- NETO, F. (1986) — Escala de consciência de si próprio: adaptação portuguesa, *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 13-21.
- PIERS, E. V. (1969) — Children's self-esteem, level of esteem certainty, and responsibility for success and failure, *The Journal of Genetic Psychology*, 130, 295-304.
- (1988) — *Manual for the Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (The Way I Feel About Myself)* (2rd ed.), Counselor Recording and Tests, Tennessee.
- PLATTEN, N. R. & WILLIAMS, L. R. (1979) — A comparative analysis of the factorial structures of two administrations of the Piers-Harris Children's Self Concepts Scale to one group of elementary school children, *Educational and Psychological Measurement*, 39, 471-478.
- (1981) — Replication of a test-retest factorial validity study with the Piers-Harris children's Self Concept Scale, *Educational and Psychological Measurement*, 41, 453-462.
- RICH C. E. *et al.* (1979) — The factorial validity of the Piers-Harris Children's Self-Concept Scale for a sample of intermediate-level EMR students enrolled in elementary school, *Educational and Psychological Measurement*, 39, 485-490.
- RICHMAN, L. C. *et al.* (1984) — The relationship between self-esteem and maladaptive behaviors in high school students, *Social Behavior and Personality*, 12, 177-185.
- SERRA, A. V. (1986) — O inventário clínico de autoconceito, *Psiquiatria Clínica*, 7, 67-84.
- SHAVELSON, R. J. & BOLUS, R. (1982) — Self-concept: the interplay of theory and methods, *Journal of Educational Psychology*, 74, 3-17.
- SMITH, M. D. & ROGERS, C. M. (1978) — Reliability of standardized assessment instruments when used with learning disabled children, *Learning Disabilities Quarterly*, 1, 23-30.
- SPSS-X (1988) — *User's Guide*, McGraw-Hill, Chicago.
- VEIGA, F. H. (1988) — Disciplina materna, autoconceito e rendimento escolar, *Cadernos de Consulta Psicológica: família e desenvolvimento humano*, 4, 47-56.
- (1989) — Autoridade paterna, autoconceito e rendimento escolar, in J. F. Cruz *et al.*, *Psicologia e Educação: Investigação e intervenção*, Associação dos Psicólogos Portugueses, Porto.
- WELLS, E. L. & MARWELL, G. (1976) — *Self-esteem its conceptualization and measurement*, Sage Publications, London.
- WOLF *et al.* (1982) — Factor analytic study of the Piers-Harris Children's Self-Concept Scale, *Journal of Personality Assessment*, 46, 511-513.
- WYLIE, R. C. (1979) — *The self-concept: theory and research on selected topics*, University Nebraska Press, Lincoln.

O autoconceito é um constructo muito estudado, dada a sua importância para o conhecimento da personalidade. É apresentada a adaptação portuguesa da escala americana «Piers-Harris Children's Self-Concept Scale» (PHCSCS), construída por Piers (1969), com manual recentemente revisto (Piers, 1988). O PHCSCS foi traduzido para português e foram examinadas as suas propriedades psicométricas. Os coeficientes de fidelidade apresentados são coerentes com investigações anteriores. De igual modo, os resultados de uma análise factorial de componentes principais com rotação varimax — pondo em evidência seis factores — são coerentes com a versão original.

The construct self-concept is one of the most studied, because of its importance to the knowledge of personality. A portuguese adaptation of the american version of Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS), constructed by Piers (1969) with recent revised manual (Piers, 1988) is described. The PHCSCS was translated into Portuguese and its properties were investigated. The reliability coefficients presented are consistent with prior research. Also the results of a factor analysis with varimax-rotation — that yielded six factors — are consistent with these findings.